



## **Blogosfera e Sociabilidade: os novos cidadãos do hiperlocal<sup>1</sup>**

Luana Cristina de Sousa Diniz<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Maranhão

### **Resumo**

Blogs, como uma perspectiva de sociabilidade. Seguindo a evolução no uso dessa ferramenta comunicacional, como dispositivo de interatividade, analisamos a construção coletiva de embate de idéias, a partir da exposição da identidade individual na blogosfera. A desterritorialização e a desintermediação impactam na concepção de cidadania, dando a esta a possibilidade de emissor informacional, a partir da sua comunidade. É usado aí o conceito de jornalismo cidadão, criado nos Estados Unidos.

### **Palavras-chave**

Blogs. Sociabilidade. Interatividade. Cidadania.

### **Introdução**

Os benefícios das transformações das tecnologias da informação condizem com o processo democrático de acesso à informação. A exemplo disso, a internet reduz os custos de participação política em debates políticos, possibilitando o envolvimento de diversos atores, a partir da troca de e-mails, chats, discussões eletrônicas e blogs. Os obstáculos burocráticos no espaço digital tendem a não ser grotescos, desencadeando uma esfera democrática, que nos faz refletir acerca da democratização da comunicação. No entanto, esta não pode ser pensada isolada de estruturas comunicacionais eficientes, além dos fatores de motivação correta, interesse e engajamento dos cidadãos, dizendo respeito ainda ao acesso físico à tecnologia.

Atendo-nos ao espaço comunicacional, configurado pela internet, podemos compreender que a interação comunicativa existente na rede gera uma esfera pública, semelhante à formulada por Habermas, em Steffen:

A esfera pública pode ser descrita como uma rede adequada para a comunicação de conteúdos, tomadas de posição e *opiniões*; nela os fluxos comunicacionais são filtrados e sintetizados, a ponto de se condensarem em

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado na Sessão Jornalismo e Editoração, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 9º. semestre do Curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, da UFMA, email: luanadiniz@ymail.com



opiniões *públicas* enfeixadas em temas específicos (1997, apud STEFFEN, 2004, p. 92).

Para isso, a esfera pública habermasiana propõe uma arena composta por pessoas privadas, que constituem uma opinião pública, com base na racionalidade do melhor argumento, desligada da influência do poder político e econômico.

A despeito da esfera pública plebéia, helênica e a esfera de representação pública feudal – que não eram esferas de comunicação política pública, mas de representação pública de poder, da autoridade e do brilho da nobreza que necessitava se exhibir –, as ferramentas comunicacionais na internet animam o debate público e a constituição de uma opinião pública ativa, onde a sociedade discute sobre seus rumos (MAIA, 2000).

Os weblogs, ferramentas de opinião na rede, em que o cidadão produz informação, podendo obtê-la diretamente da fonte e entrar em discussão de opiniões com aquela.

A interatividade, característica inerente dessa nova tecnologia informacional, prescinde da necessidade da presença física, que facilita o a participação em diversos níveis de interesse. Sejam eles políticos, sociais, culturais, econômicos e entretenimento.

Tem-se uma noção histórica da criação dos weblogs, em 1992, para a divulgação das novidades do projeto *www* - *word wide web*, por Tim-Berners Lee. Mas só em 1997 o termo teria sido usado por Jorn Barger, na associação das palavras *web* (teia) e *log* (diário de bordo usado por navegadores e aviadores), ficando *weblog* ou somente *blog*, como se popularizou.

No início, a base dos weblogs ou blogs eram os links para comentários e para outras páginas. O uso dos diários era dedicado às anotações de micro-conteúdos encontrados na web e eram mantidos por webdesigners, desenvolvedores de programas e profissionais da tecnologia.

No Brasil, há controvérsias a respeito do que é considerado o primeiro *Weblog*. Alguns atribuem a Zamorim 11 o posto de pioneiro na publicação através deste formato. Zamorim teria emitido seu primeiro “*post*” em 2000. Entretanto, a gaúcha Viviane Menezes 12 também é apontada como o primeiro “*blogueiro*” brasileiro, que começou a publicar desde fevereiro de 1998. Com 17 anos, ela escrevia o que na época era conhecido por “*journal*” (diário, em inglês), com uma página em HTML para cada dia que passava. (SILVA, 2006, p. 49)



Antes do surgimento do blog, o usuário da internet deveria ter paciência, senão conhecimento técnico para criar uma *homepage*. Hoje, para exteriorizar idéias e opiniões, basta criar um blog em algumas das ferramentas de auxílio, disponíveis na rede.

As características dos blogs são:

- Links com um breve comentário;
- Pode ser coletivo ou individual;
- *Posts*<sup>3</sup> ordenados seguindo uma cronologia inversa;
- Cada *post* tem um endereço URL permanente, podendo ser acessado fora do site original, em hiperlinks;
- As suas entradas são datadas.

Classificação dos blogs:

- Diários – ainda leva em conta o primeiro uso dos blogs, enquanto diários pessoais;
- Analíticos – crônicas ou ensaios críticos sobre assuntos da atualidade;
- Informativos – disseminam informações e se prestam à contínua atualização de notícias, no formato jornalístico.

As ferramentas brasileiras mais populares são:

- Blogspot – [www.blogspot.com](http://www.blogspot.com)
- Blogger – [www.blogger.com.br](http://www.blogger.com.br)
- Wordpress - <http://pt-br.wordpress.com>
- Weblogger – [www.weblogger.com.br](http://www.weblogger.com.br)
- Blig – [www.blig.com.br](http://www.blig.com.br)

Como é um meio aprioristicamente pessoal, as pessoas chegam aos blogs em busca de um ponto de vista ou uma temática, diferentemente tratada como nas mídias tradicionais. Além de independer de editores e hierarquização, os blogs possuem os três traços que condizem à potencialidade comunicativa da rede web: interatividade, hipertextualidade e multimídia.

Foi esse formato de fácil usabilidade que popularizou os blogs, aumentando o número de emissores de conteúdos. Todos colocados numa extensa comunidade

---

<sup>3</sup> Termo inglês que se refere ao texto ou artigo publicado em um blog.



virtual – blogosfera<sup>4</sup> –, apropriaram-se do direito de elevar o nível informacional, como analisa José Luís Orihuela.

Os blogs revolucionaram a maneira de gerar conteúdos na rede, impulsionando o novo tipo de comunidades com base no conhecimento e contribuem para a enorme tarefa de dar sentido e relevância à informação que se encontra disponível na rede. (ORIHUELA, 2007. p. 16)

A rede não é fomentada em boa parte por pessoas comuns, com vontade de dizer algo e também de serem lidas. A marcação da leitura é feita a partir do *feedback* nos links de comentários. Assim, o indivíduo sai de mero receptor para indivíduo interativo.

A blogosfera, hoje, é entendida como uma extensa comunidade de blogueiros perceptíveis às informações das mídias tradicionais, sob o formato dinâmico de *feedback*. Funcionando como um filtro social de opiniões e notícias, a comunidade blogueira tem servido de sistema de controle e crítica dos meios de comunicação, além de um fator de mobilização social. Ela compreende ainda um enorme arquivo web, onde o conhecimento é compartilhado. (ORIHUELA, 2007)

Segundo Lévy, esta memória deve ser diferenciada da transmissão tradicional das narrativas e das competências, uma vez que os softwares são outros tantos micromódulos cognitivos automáticos que vêm se imbricar ao dos humanos e que transformam e aumentam suas capacidades de cálculo, de raciocínio, de imaginação, de criação, de comunicação, de aprendizagem ou de ‘navegação’ da informação. (1996)

Para uma ferramenta que, considera-se, cresceu do dia para a noite<sup>5</sup>, vê-se que a necessidade dos leitores acessarem vários pontos de vistas sobre as notícias, assim como dirigir-se sobre a informação independente, cadenciou o crescimento do seu uso.

## 2 Interação social na blogosfera

Compreendendo as principais características da internet, os weblogs surgiram como *websites* pessoais, em 1999. O seu uso foi rapidamente propagado, em

---

<sup>4</sup> O termo blogosfera surgiu da contração entre *blog*, de weblog, já entendido como diário virtual, e *esfera* – o sistema mundo extraído dos conceitos de biosfera. Similarmente, chega-se ao mundo de blogs, no interior do ciberespaço. Segundo Edgar Morim, “a história das ciências é feita de migração de conceitos, ou seja, literalmente de metáforas”. (1990, p. 169)

<sup>5</sup> No início de 1999, quando foi lançado o primeiro sistema de criação e hospedagem de blogs, estes não passavam de 23. Já, em 2002, registrou-se a criação de 41 mil blogs por mês. (BEIGUELMAN, 2005)



função da facilidade no manuseio das páginas por pessoas com pouco ou nenhum conhecimento de programação para a *web* ou compreensão da linguagem HTML.

Marcados pela subjetividade, facilmente delimitada pela escolha gráfica das páginas, desde as fontes, as cores e as ilustrações, os weblogs são meios informais de comunicação e espontâneos, dado o processo de publicação quase simultâneo à escrita.

A descentralização de manutenção sugere independência e compartilhamento de informações alienadas da instantaneidade, pois os posts podem ser publicados, a qualquer momento e em qualquer computador conectado à rede. A máquina se torna efêmera e é virtualizada nos fluxos de informação; do hiperespaço, onde pode as matrizes da rede são reinventadas, pode-se recorrer à memória e à captura de informação em outros computadores, desde que também estejam conectados. (LÉVY, 1999)

A informalidade, peculiar à blogosfera, aliada à horizontalidade permitida pelos blocos de comentários, nos textos publicados, assim chamados posts, permite o fluxo de emissores e um espaço mais abrangente de discussão, onde os leitores alimentam e são alimentados pelos blogueiros, numa relação múltipla de opiniões, que facilita a dispersão de detentores de vozes.

Essa simbiose de informações, nos comentários, também estende a gama de temas a serem criados, já que o embate de idéias – mesmo quando há concordância e não exatamente discordâncias – é acalorado pelo posicionamento do ‘eu’, na apropriação da construção coletiva de um debate.

A construção só se torna coletiva, portanto, quando os indivíduos se percebem no discurso, iniciado primeiramente pela própria percepção de si mesmo dos blogueiros. Neste momento, as características físicas que compõem o blogueiro são substituídas pelas suas palavras, que vão mostrar a sua identidade subjetiva.

Cada indivíduo, cada organização são incitados não apenas a aumentar o estoque, mas também a propor aos outros cibernautas um ponto de vista sobre um conjunto, uma estrutura subjetiva. (LÉVY, 1996, p. 48)

A percepção dessa identidade do blogueiro garante ao leitor de blog a interpelação de interesses e gostos comuns, que o motivará a retornar a página pessoal.

A identidade aí não pode ser percebida como um arquétipo fixo, uma vez que o embate entre o local e o global é fragilizado na sociedade global. O cidadão não é



territorial, mas desencaixado de uma cultura primeira, onde ele se concebeu, para conceber o mundo no intercâmbio de informações e valores. A relação identitária entre o blogueiro e o seu leitor está dentro de uma cultura blog, dentro da cultura da internet. Ortiz trata essa relação cultural global dentro da perspectiva de desterritorialização, onde as pessoas se envolvem por identificação de valores e objetivos.

Historicamente uma civilização se estendia para além dos limites dos povos, mas se confiava a uma área geográfica determinada. Uma cultura mundializada corresponde a uma civilização cuja territorialidade se globalizou. Isto não significa, porém, que o traço comum seja sinônimo de homogeneidade. Sublinho este aspecto porque o debate cultural muitas vezes identifica, de maneira imprópria, essas duas dimensões. (ORTIZ, 2006, p. 51)

Para Ortiz, a desterritorialização na cultura moderna só é possível por meio de um sistema técnico, que reestruture as extensões indefinidas de tempo-espço.

Nas sociedades modernas as relações sociais são deslocadas dos contextos territoriais de interação e se reestruturam por meio de extensões indefinidas de tempo-espço. Os homens se desterritorializam, favorecendo uma organização racional de suas vidas evidentemente uma mudança dessa natureza só pode se concretizar, no seio de uma sociedade cujo sistema técnico permite um controle do espço e do tempo. (ORTIZ, 2006, p. 45)

A virtualização, neste viés, vem ao encontro do controle do espço e do tempo, como bem esclarece Pierre Lévy, em seu livro *O que é Virtual*.

Quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam “não-presente”, se desterritorializam. Uma espécie de desengate os separa do espço físico ou geográfico ordinários e da temporalidade do relógio e do calendário. (LÉVY, 1996, p. 21)

A sociabilidade nos weblogs não se encerra na relação dual entre blogueiros – o quê faz o texto – e leitores, como se prolonga nos *blogrolls*<sup>6</sup> – listas de links que ficam nas páginas. Essas listas, geralmente, correspondem aos companheiros de blogagem, relacionados a temas comuns ou apenas de interesse, que acabam por aumentar o fluxo de informações. Eles compõem, assim, um hiper corpo híbrido e mundializado, propagando ecos ao longo das redes digitais do planeta. (LÉVY, 1996)

Logo, cada blogueiro e cada leitor é um corpo individual. Este último escolhe como estabelecer relação com o primeiro, por meio do comentário e do seu anonimato. É certo que muitos blogueiros filtram os comentários nos posts, por receio de rechaça ou por preferirem vozes com nomes identificáveis.

---

<sup>6</sup> Lista de blogs recomendados. O *blogroll* faz parte de uma política de socialização entre os blogueiros.



O poder de moderação, logo, não mantém a horizontalidade a toda potência. Ele também coage nos quadros de comentários, conforme a intencionalidade de debate num *post*.

É claro que existe um corte hierárquico, já que é o blogueiro quem determina a pauta, quem autoriza quem vai ou não postar comentários, quem destaca ou não as intervenções dos leitores, enfim, ainda cabe a ele dizer o que é ou não digno de ser colocado em debate. (ALDÉ; ESCOBAR; CHAGAS, 2007. p. 08)

### 3 Hiperlocal na Blogosfera

O potencial informativo dos meios de comunicação não chega às profundidades das problemáticas cotidianas das comunidades. Informações importantes para os cidadãos são consideradas amenas diante do volume informacional de debates político-sociais e descartadas na filtragem de relevância. As informações corriqueiras são absorvidas, porém, em meios mais populares, como o rádio, o microlocal é defasado de debate.

Este é um cenário peculiar, despercebido pelos centros midiáticos. A informação que seria usada para infiltrar, dar sentido às vozes dos cidadãos e, ainda, para torná-los aptos a reivindicar direitos é abafada, em detrimento à democracia da comunicação.

O jornalismo cidadão<sup>7</sup>, inaugurado nos Estados Unidos, vem ao encontro da necessidade de sociabilizar a informação e de chegar onde os meios de comunicação tradicionais não conseguem estender a cobertura – o microlocal (VARELA, 2007); tendo hoje, como artífice o digital. A democracia começa, portanto, em “casa” num desenlace conversacional, retransformando o microlocal em hiperlocal.

A intenção dos meios cidadãos hiperlocais não é deslocar os meios tradicionais, mas ser um complemento e preencher o vazio existente pela dificuldade e pela carência de se cobrir com métodos e jornalistas profissionais os acontecimentos de menor importância da atividade social e cidadã. (VARELA, 2007, p. 46)

Lévy (1999) explica que antes da explosão ciberespacial, a filtragem e distribuição de conteúdos entre emissores e receptores eram deliberadas apenas por

---

<sup>7</sup>Também conhecido como jornalismo participativo, o jornalismo cidadão preconiza a utilidade de informação para interferir na comunidade. Questiona a neutralidade do jornalismo e defende o poder mobilizador e de ação da informação. Ele não exclui a produção dos jornalistas profissionais, acrescenta sim a participação de leigos, incluindo questões de cidadania, abrangendo qualquer tema e área.



instituições midiáticas, públicas e governamentais. Logo, eram estabelecidas verdades oficiais e incontestáveis. No entanto, com o advento da internet, a desintermediação virou um impulsionador de evasão a todo tipo de mensagem, por seus usuários.

Como os produtores primários e os requerentes podem entrar diretamente em contato uns com os outros, toda uma classe de profissionais corre doravante o risco de ser vista como intermediários parasitas da informação (jornalistas, editores, professores, médicos, advogados, funcionários médicos) ou da transação (comerciantes, banqueiros, agentes financeiros diversos) e tem seus papéis habituais ameaçados. Esse fenômeno é chamado a “desintermediação”. As instituições e profissões fragilizadas pela desintermediação e o crescimento da transparência só padrão sobreviver e prosperar no ciberespaço efetuando sua migração de competências para a organização da inteligência coletiva e do auxílio à navegação. (LÉVY, 1997. p. 62)

Os weblogs vieram dar corpo a esta não-massificação e descontrole da mensagem. Para o cidadão comum, a informalidade e a usabilidade dos blogs podem permitir a democratização do cotidiano em crônicas diárias, ressaltando os recursos locais dentro do grande sistema operacional universal da globalização. (VARELA, 2007). A independência na criação e no compartilhamento de conteúdos preconiza o hiperlocal na dispersão de regionalismos reducionistas.

Para muitos, essa mobilização participativa na conduta da informação exclui a importância e a ação do jornalismo profissional, como uma espécie de concorrência. Mas o que se verdadeiramente percebe é uma complementação noticiária, por parte dos informantes leigos, que, em tempos de globalização, recruta o interesse do local.

Sendo assim, é importante considerar que a deliberação de informações e de opiniões privadas não significa uma análise crítico-racional, com vistas a soluções concretas. Logo, ainda, há um extenso caminho a percorrer até uma esfera pública autônoma e eficiente no espaço digital. Por tudo isso, a participação dos sujeitos, enquanto cidadãos, sofre limitações, não constituindo a blogosfera, como uma esfera independente, mas como uma esfera complementar de outras esferas.

### **Referências bibliográficas**

ALDÉ, Alessandra; ESCOBAR, Juliana; CHAGAS, Viktor. A febre dos blogs de política. *Famecos*, Porto Alegre, n. , p.1-12, ago. 2007.

BEIGUELMAN, Giselle. **Link-se**: arte; mídia/política/cibercultura. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2005.

HABERMAS, Jürgen. O papel da sociedade civil e da esfera pública política. In: *Direito e Democracia: entre a facticidade e a validade*. vol II. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.





LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

\_\_\_\_\_. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

MAIA, Rousiley C. M.. Democracia e a internet como esfera pública virtual: aproximando as condições do discurso e da deliberação. In: CONGRESSO INTERNACIONAL. "INTERNET, DEMOCRACIA E BENS PÚBLICOS", 2000, Belo Horizonte. **Artigo**. Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, 2000. p. 1 - 15.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. 2. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

ORDUNÃ, Octavio I. Rojas et al. **Blogs: Revolucionando os meios de comunicação**. São Paulo: Thomson, 2007.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SILVA, Inara Souza da. **Weblog como fonte de informação para jornalistas**. 2006. 100 f. Dissertação (Mestre) - Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

STEFFEN, César. **A Política nos espaços digitais: a campanha Presidencial de 2002 na Internet**. 2004. 341 f. Dissertação (Mestre) - Unisinos, São Leopoldo, 2004.